

# **A NARRATIVA: UM CAMINHO A PERCORRER OU A CONSTRUIR**

**Análise do conto «Alfredo», de Murilo Rubião**

**Ivete Lara Camargos Walty**

## **INTRODUÇÃO**

O primeiro contato com o texto já nos evidencia a idéia de busca, de caminho a percorrer, de travessia. Esta busca se concretiza sob vários aspectos: o bíblico, o geográfico, o ideológico, o psicanalítico e, finalmente, o literário. Cumpre-nos, pois, verificar qual o papel desse primeiro elemento: o buscar nos diferentes planos e estabelecer as devidas relações com os outros elementos do texto.

O primeiro plano a se estruturar deveria ser o geográfico, já que está literalmente presente e se coloca à superfície, numa perspectiva sintagmática. Mas, o espaço geográfico nada mais é que a representação primeira dos demais aspectos, logo estará presente ao se analisar os seus correspondentes bíblicos, ideológicos, psicanalíticos e literários.

O elemento bíblico se faz perceber facilmente na narrativa, pois esta se constrói a partir de uma epígrafe, um fragmento do salmo de Davi, que já em seu texto original recebe, em algumas edições, o nome de «Hino de Procissão». É claro que esta denominação, mesmo que explicativa e colocada posteriormente pelos tradutores, é significativa na medida em que se relaciona ao corpo do salmo, realçando a idéia de caminhada em

direção a Deus. A busca da face do Deus de Jacó é a procissão em direção a algo que não pertence à terra, à condição humana. A idéia de ascese está implícita na palavra Jacó, o filho de Isaque que construiu uma escada, na tentativa de atingir o céu. Esta ascese não se realiza, já que a escada está plantada na terra e não se processa o deslocamento do espírito em relação ao corpo. É importante realçar, porém, que a ambigüidade dessa figura que estaria entre o céu e a terra, reafirma-se ainda na história de Jacó, já que tendo um irmão gêmeo a que sustém pelo pé, é a concretização da dubiedade do ser humano. Jacó é aquele que segura o calcanhar de seu irmão primogênito, Esaú, com a mão, unindo dois extremos: o alto e o baixo. Ele luta pelo lugar de primogênito e o obtém através de trocas, na esperança de receber as devidas honras do pai, Isaque, e do Pai, o Senhor dos Exércitos. É, pois, o astucioso, o enganoso.

Penetrando no texto propriamente dito, temos que Joaquim é uma personagem que corporifica Jacó e tem por irmão, Alfredo. Joaquim, em hebraico, é aquele que Javé levanta, restabelece. Ele é símbolo de elevação, de preparação. Enquanto Alfredo significa, em anglo-saxão, o aconselhado pelos elfos. Ora, os elfos, por sua vez, são gênios aéreos simbolizam o ar, o fogo e a terra, sendo, portanto, dominadores dos elementos básicos da natureza. Ele é um ser diferente, talvez predestinado. Enquanto Alfredo está na montanha, no alto, próximo ao céu, Joaquim está no vale, no baixo, ligado à terra. Salientamos, porém, que esta aparente dicotomia tornar-se-á irrelevante, ou melhor, desaparecerá no decorrer da narrativa, depois de sofrer diversas transformações.

A primeira alusão à personagem que dá nome ao texto se faz sob a representação de uma fera que ameaça descer ao vale. Mesmo que só depois saibamos tratar-se do irmão de Joaquim, já se percebe uma figuração que se opõe ao humano e que, simbolicamente, coloca-se aos três níveis do universo: inferno, terra, céu, assim como os elfos, implícitos em seu nome. Concretiza-se ambigüidade desse ser através da figura do lobisomem, a união do lobo e do homem, da fera que ameaça o povoado e do animal «de olhos infantis», da agressividade que ame-

dronta e da ternura que comove. É o homem que se fez lobo, ou o lobo que se fez homem. Enfim é o ser dúbio, disforme, desajeitado na aparência, terno, puro e infantil na realidade. Os dois irmãos, como Esaú e Jacó do texto bíblico ou Pedro e Paulo da ficção machadiana, são apenas um, ou seja, um que se divide em dois, ou dois que se fundem em um.

O salmo a que se refere o conto interroga: «Quem será digno de subir **ao monte** do Senhor? Ou de permanecer no seu lugar santo?» E responde: «O que tem as mãos limpas e o coração puro, cujo espírito não busca as vaidades, nem perjura para enganar **seu próximo**.»

Alfredo renega sua condição humana e se faz porco para não mais conviver com seus semelhantes que vivem a se entredorarem com ódio. Ele não tem mais lugar entre seus irmãos, foi repudiado, expulso do seio da «humanidade», e não mais é feito à imagem e semelhança de Deus. Sua busca é incessante e se processa das mais variadas formas, inclusive através do camelo que simbolicamente é tido por impuro por repugnar ao homem.

Joaquim não tem as mãos puras, vive sob a ameaça do passado, sob o medo do castigo, pelo «pedaço de mão que roubara». Também ele foge da planície, pensando encontrar a felicidade do outro lado das montanhas. Aí o código geográfico se funde ao bíblico: Jacó constrói a escada para atingir o céu, e ocupa o lugar de Esaú, seu irmão. Joaquim sobe as montanhas em busca da felicidade, da paz, e deixa para trás o irmão. Depois os papéis se invertem, Jacó está no vale e Alfredo nas montanhas. A troca de espaços opostos se anula quando há o reencontro, e os dois caminham juntos, da montanha para o vale, do vale para a montanha. Eles não têm lugar, seu lugar é o não-lugar, é o eterno ir sem rumo certo, sem «esperança de um paradeiro». Joaquim segura Alfredo pelo pescoço com a ajuda de uma corda, mas Alfredo, ao caminhar, arrasta a corda e conduz o irmão. Não há dois seres, mas um que é múltiplo, um que é o próprio homem em busca de algo que nunca encontrará, um que é «esta geração dos que o buscam, dos que buscam a face do Deus de Jacó».

Joaquim saiu em busca da fera, do «possível» e desacreditado lobisomem e, em sua fala, reconhece a mensagem do irmão, Alfredo. Aquilo que foi previsto pelas alusões bíblicas se confirma: eles não são dois, mas um, ou vários. Em Alfredo está o outro «eu» da personagem-narradora, ele é o espelho que revela a face oculta do irmão. Seus gemidos anunciantes de uma mensagem opressiva, «de dor de carne crivada por agulhas» são o grito do inconsciente oprimido de Joaquim. O encontro com «a fera» não o assusta, não o amedronta, e sim, comove-o, enternece-o. O «eu» reencontrado no **outro** é puro, e não lhe provoca surpresa, nem é objeto de riso, mas de pena. É um animal de olhos infantis, de uma curiosidade infantil diante da agressão verbal, mas de «uma voz cansada e cheia de tédio». Tem a visão da criança e a fala do velho. Faz observações inocentes e cheias de verdade: — «Esta senhora tem dois olhos, um verde e outro azul». Mas não reage à agressão física e não a compreende. É diferente, ridículo, mas não surpreende os demais habitantes da aldeia, porque não lhes diz respeito. Tem a face crespada, o pescoço magro e a língua áspera, mas é capaz de acariciar e de se deixar beijar.

A desintegração do «eu» se processa por causa do castigo, a ruptura é consequência da censura, da força do Pai, do Poder. Dá-se a passagem do imaginário ao simbólico, em um caminho inverso. É o estágio do espelho, em que há, segundo Lacan, um reconhecimento no desconhecimento. É a passagem da condição animal à humana, vista pelo avesso, produzida pela instauração da lei. A procura do irmão é a busca do próprio eu, já que o homem, segundo Freud, não tem o seu centro em si mesmo. A busca não se efetua só de um lado, o consciente, mas também, e principalmente, pelo inconsciente. Aí está a razão das sucessivas mudanças, do eterno metamorfosear-se.

Deixando sua condição «humana», sua máscara de representação social para contato com a realidade, livre da força da censura, do poder, o **id** obedece ao imperativo de suas pulsões e sai em busca de uma resposta, da satisfação do desejo que tem em si. Assume a forma de um porco, símbolo de tendências obscuras sob as formas de ignorância, gula, luxúria e egoísmo.

mo. É o oposto daquilo que seu «ego» lhe exigia, conciliar as tendências negativas e as «positivas» do ser humano. Como porco, animal voraz e devorador, ele não se satisfaz com o que seria puramente instinto em contínua luta com seus companheiros. Pensou, então, fundir-se numa nuvem, o símbolo do embrião primordial, a representação da metamorfose, não de um de seus termos, mas o próprio ato de metamorfosear-se. O elemento instável que muda a todo momento, assumindo as mais diferentes formas. A nuvem, no alto, se oporia ao porco, na lama. Mas, por ser o próprio transformar-se, já se transforma de vez no verbo resolver. Eis a instauração da linguagem que é o próprio homem. A linguagem vem aí representada pelo verbo **resolver**. Resolver, o quê? O homem não fala, ele é falado. Ele não age, ele é agido. Logo ele não resolve, ele é resolvido, ou não o é? A linguagem tem origem na passagem do imaginário para o simbólico, no momento da ruptura, logo tem em si o desejo. E o desejo anuncia na própria morte o seu retorno inevitável. É o desejo que aponta no homem o que nele há de essencial — a ausência. A lei do homem é a lei da linguagem, a linguagem traz em si o desejo, logo o homem é condenado a buscar sempre, já que este desejo não é uma necessidade a que se atende, mas uma interrogação para a qual não se tem resposta, a primeira de uma série. E se falar do homem, de acordo com Deleuze, é falar de uma carência, de uma ruptura, de uma possibilidade de estar inteiro na inteireza visível de suas expressões. «Alfredo» se transforma em dromedário, «esperando beber água o resto da vida». Ora, isto comprova a eterna busca do homem, pois o beber água sempre é estar permanentemente com sede. O camelo atravessa o deserto, é um veículo que conduz de oásis a oásis. Também ele é um símbolo ambíguo, oculta a essência divina, mas tem relação com a morte. E, como já vimos, é um animal impuro, pois repugna ao homem.

Como camelo, Alfredo é levado pelo irmão Joaquim, que reencontra aquilo que havia recalçado, seus fantasmas. Há aí o «estranhamento inquietante». Alfredo, sob forma tão estranha não lhe causa medo, porque, no processo de recalçamento, aquilo que é familiar se transforma em algo estranho. Alfredo era aquilo

que já vivera e recalcara, por isso não há surpresa, nem pavor, mas pena, dor, melancolia.

Fundidos em um, múltiplos e unos, continuam em busca de algo que nunca encontrarão, numa eterna peregrinação. As cordilheiras continuariam sendo azuis, numa promessa de ligação com o alto, de provável felicidade, mas eles a atravessariam e continuariam sempre sem certeza de nada, sem esperança de um paradeiro. Indo, vindo e voltando cansados, ou cansado. O azul das montanhas é a imagem do infinito, da imaterialidade, do vazio do ar, da água, do cristal, do diamante. Todos os movimentos e formas desaparecem no azul. É como Alice no País das Maravilhas passando para o outro lado do espelho, para o mundo do caos excentrado, sem a máscara da representação, da convenção. Segundo Kandinsky, o azul dá uma idéia de eternidade, em um movimento do homem dirigido unicamente para seu próprio centro, que, entretanto, ativa o homem para o infinito e revela nele o desejo de pureza, de algo sobrenatural. Isto porque o centro do homem, como já vimos, não está nele, mas fora dele, e ele o busca sem poder encontrá-lo.

«Nenhuma linguagem é inocente», diz Foucault. O mundo só pode ser apreendido através da linguagem, e esta representação é ideológica, é falseada como a visão que lhe dá origem. No texto, como já o afirmamos, Joaquim é o **ego** que é a máscara exigida pela pressão da censura, é o mediador entre o **Id** e o **Superego**. O alimento mais representativo da visão ideológica, da visão convencional da realidade, é Joaquina, o par de Joaquim até no nível lingüístico, numa confusão gênero/sexo. Ela é aquela que crê, é supersticiosa e tanta explicar o estranho pelo sobrenatural. Ela tem um olho azul e outro verde, um voltado para o alto, como já constatamos por toda simbologia da cor azul, mas o outro voltado para a terra; um na necessidade de busca, mas o outro no contentamento de si. Ela é o próprio **ego**, já que o verde é o mediador entre o azul celeste e o vermelho infernal, é a cor «rasteira», da superfície humana. Ela agride o estranho, o inusitado e o repudia, ela expulsa tudo aquilo que não consegue explicar. Joaquina é a força que prende Joaquim à terra, ao convencional; e de que ele consegue se

libertar, pois a força oriunda de Alfredo, o **Id**, é mais acentuada e tem em si a linguagem e a necessidade de transgressão. Seus rumores provocam a primeira desavença conjugal. Instala-se a discórdia no seio da família, célula primordial da sociedade, numa visão ideológica. Marido e mulher percebem ter pontos de vista antagônicos, ele coloca-se contra a mulher, que é a metonímia da aldeia, e dá-se a ruptura, a quebra: à visão condicionada pela ideologia, opõe-se a visão reflexiva; ao praguejar da mulher opõe-se o silêncio cheio de reflexão; as explicações sobrenaturais não substituídas pelo ceticismo e pela dúvida. Joaquim vai e Joaquina fica. Ela não aceita o estranho visitante, pois não sabe explicá-lo. O vale permanecerá estático em oposição ao dinamismo das montanhas azuis. A aldeia fala a linguagem do senso-comum, a linguagem da violência, da agressão, da tentativa de se explicar tudo através da lógica. É o falso centramento do homem em si mesmo, quando ele não procura conhecer a realidade, mas reconhecê-la; quando ele só formula perguntas para as quais já tenha respostas e só vê no real aquilo que está interessado em lá ver. Sua fala é um agrupamento de juízos de valores, pois sua alusão ao real é ilusão. O ser fragmentado, caótico não é aceito pela ideologia que faz o homem conceber-se como uno, íntegro, que é o centro do mundo e o sujeito da linguagem. Assim, ideologicamente, o homem não se reconhece a si mesmo e pensa que é o senhor absoluto do seu eu e de seu mundo, e expulsa a loucura que intimamente o domina.

O elemento estruturador do conto é o próprio discurso literário. Já, até aqui, falamos da linguagem como a lei do homem, agora tentaremos fundamentar tudo o que já afirmamos no nível da narrativa, o que nos faz voltar ao primeiro aspecto salientador: o bíblico. «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e verdade.» (João I, 1 a 14).

O texto, em seu nível literal, fala de um animal que se fez verbo, mas aí há toda uma inversão do evangelho de São João. Em primeiro lugar, no lugar do verbo com **V** maiúsculo, a origem

de todas as coisas segundo a epísteme clássica, a «phoné», segundo Derrida, é substituído pelo verbo **resolver**, «um pequeno verbo inconjugável». O verbo resolver, em seu sentido usual, significa solucionar, explicar, esclarecer, mas e também sinônimo de decompor, bem como de desaparecer, desfazer-se, extinguir-se. Ora, o tornar-se verbo não soluciona o problema do homem, ele se busca e se extingue em sua própria linguagem. O fato de o homem se metamorfosear em porco antes de fazer-se verbo, já rompe com o texto de base, opondo o porco à imagem de Deus. A negação do centro, da origem, do verbo ser — «o fim do livro e o começo da escritura», segundo Derrida.

O verbo resolver é a tentativa de construção de uma narrativa, o extinguir-se no elaborar-se, a negação pela presença ou a afirmação pela ausência. É o discurso de tensão entre o sujeito e o objeto. É a representação da representação, pois, de acordo com Deleuze, a reversão do platonismo elimina as diferenças entre cópia e realidade, entre coisa e imagem, já que tudo é simulacro, é representação e se afirma como fantasma.

O eu do narrador se fragmenta em dois, em vários e estabelece a busca da própria narrativa, do próprio discurso e se condena a uma eterna procura, a um eterno construir-se, a um perpétuo narrar. Daí o cansaço de vir e voltar, sem a esperança de fixar-se em algum lugar. A narrativa é o Joaquim/Alfredo, o porco, a nuvem, o dromedário criados pelo verbo resolver, que é inconjugável. Traz em si a sede insaciável e transforma-se na esperança de encontrar-se. É o passado evidenciando-se no presente que também abrange o futuro, o eterno vir a ser.

#### BIBLIOGRAFIA

CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT. *Dictionaire des symboles*. Paris, Seghers, 1973.

COELHO, Eduardo Prado. «Introdução a um pensamento cruel: estrutura, estruturalidade e estruturalismos.» In FOUCAULT, Michel et alii. *Estruturalismo*, antologia de textos teóricos. Lisboa, Portugal.

COSTA LIMA, Luiz — *Estruturalismo e teoria da literatura*. Petrópolis, Vozes, 1973.

DELEUZE, Jules. **A Lógica do Sentido**. São Paulo, Perspectiva, 1974.

DERRIDA, Jacques — «O fim do livro e o começo da escritura». In **Gramatologia**, São Paulo, Perspectiva.

MANSUR GUÉRIOS, Rosálio Farani. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes** São Paulo, Ave Maria, 1973.

RUBIÃO, Murilo. «Alfredo» In — **A Casa do girassol vermelho**. São Paulo, 1978.

Ivete Lara Camargos Walty é professora de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG e aluna do curso de Mestrado em Literatura Brasileira da mesma Faculdade.